

## ALGUNS ASPETOS DA FORMAÇÃO DE VERBOS EM PORTUGUÊS

MARIA DO CÉU CAETANO

(Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH /  
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, CLUNL)\*

*ABSTRACT: The principles which underlie the derivation of Portuguese verbs have already been discussed in several outstanding works; even so those are studies where synchronic approaches prevail. The analysis of some verbal derivation aspects presented here departs from the descriptions of derived verbs found in Portuguese historical grammars, dealing it subsequently with current theoretical frameworks. I aim at emphasizing that following a diachronic perspective enables us much better to study the Portuguese verbal derivational subsystem.*

*KEYWORDS: word-formation; verbal derivation; Portuguese historical grammars.*

### Introdução

No seguimento de Diez ([1836-1844] 1973: 361)<sup>1</sup> e de Meyer-Lübke ([1890-92] 1895: 655)<sup>2</sup>, os gramáticos históricos Reinhardstoettner (1878: 147), Silva Jr. & Andrade ([1887] 1913<sup>4</sup>: 363), Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>: 247), Huber ([1933] 1986: 276) e também Vasconcellos, C. ([1946] s.d.: 83) referem que o português dispõe de dois tipos de formação de verbos:

---

\* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2011.

<sup>1</sup> “La dérivation verbale s’opère soit au moyen de suffixes propres, comme *caval-c-are* ital. de *cavallo*, soit par l’addition des lettres de flexion au thème de n’importe quelle espèce de mot, comme dans *frutt-are* de *frutto*, *viaggi-are* de *viaggio*. Nous nommons le premier mode dérivation médiate, le second dérivation immédiate.”

<sup>2</sup> “La dérivation est immédiate: *plantare* de *planta*, ou médiate: *alb-ic-are* de *albus*. Le mot primitif est avec le verbe dans la relation soit de sujet: en ital. *gradire* (être agréable, de *grado*) ou d’objet: en ital. *fogliare* (produire des feuilles) ou de moyen: en ital. *falciare* (travailler avec la faux, faucher).”

a) uma imediata, pelo qual se formam verbos da 1ª conjugação, a partir de nomes e adjetivos (exs. *murar, jardinar, mesquinhar, etc.*) e

b) outra mediata, em que se interpõe “um elemento formativo entre o termo derivante ou vocábulo básico e o sufixo característico do verbo. Entre as formações desta espécie avultam os verbos em *-izar, -ear, -ejar, e -ficar.*” (cf. Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>: 247).

Pereira ([1916] 1935<sup>9</sup>: 216), outro gramático histórico, prefere designar os dois modos de formação verbal de simples (“a derivação que se faz exclusivamente por meio do suff. da respectiva conjugação, como de *fumo, fumar, de ronco, roncar*”) e complexa (“a derivação em que entre o thema e a desinencia se intercala suff., que dá ao verbo sentido particular, como *forc-ej-ar, flor-esc-er, bap-iz-ar, salt-it-ar, salt-e-ar.*”).

A partir destas descrições de gramáticos históricos, duas questões se levantam desde já:

1. Qual o estatuto dos elementos que, na formação imediata, se soldam aos nomes e adjetivos?

2. Qual o estatuto do elemento que, na formação mediata, se interpõe entre o radical e a vogal temática?

Estes são aspetos de que se ocuparam vários autores e que ainda hoje os morfólogos discutem, tal como veremos em seguida.

A vogal temática, tida como elemento flexional, pode participar dos processos de afixação, contribuindo para uma mudança de categoria sintática, quando se formam verbos a partir de nomes e de adjetivos?

Aceitando que os elementos afixais são morfemas, isto é, formas mínimas reprodutíveis portadoras de significado, poderemos considerar a vogal temática um constituinte de uma estrutura afixal, embora ressalvando que é um elemento semanticamente esvaziado?<sup>3</sup>

Por outro lado, sabendo-se que, por norma, os morfemas flexionais ocorrem depois dos sufixos derivacionais e que em português existem muitas regras, sendo estas bastante frequentes, em que os sufixos se soldam ao tema verbal (por exemplo, sufixos *-ção, -mento, -dor, -vel, etc.*), podemos admitir a ocorrência de morfemas flexionais não periféricos?

Enquanto para alguns (diria mesmo a maioria), *-izar / -iz-a-* (Pena, 1993: 220-221) / *-iz-* (Rio-Torto 2004: 24 e sg.) é um sufixo verbal, outros consideram que se trata do infixo *-iz-*, seguido da vogal temática *-a-* e do sufixo flexional de infinitivo *-r*, como já havia sido exposto por Pottier (1953). Este autor dá exemplos do tipo de *pobr-et-ão*, em que o “infixo *-et-*” não é recategorizador e de *verd-ec-er*, em que o “infixo *-ec-*” é responsável

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, Pena (1993: 233), o qual afirma que a vogal temática “no dota al verbo derivado de una determinada nota de significación, ni en cuanto al proceso en sí (aspectualidad), ni en cuanto al proceso en relación con sus actantes o argumentos (estructura argumental)”.

pela mudança de classe gramatical, o mesmo acontecendo, na sua opinião, nas estruturas em que ocorre “-iz- + -ar” e “-e- + -ar”. Malkiel (1958: 108-109) considera que o element *-sc-* que ocorre em verbos como *florescer* tem o estatuto de infixo, o qual está “inserto dentro de un cuerpo estrechamente unido”. Para Pena (1999: 4326), segundo o qual, “Los ‘infijos’ son morfios continuos que se insertan dentro de otro morfo, normalmente la raíz, convirtiéndola así en una raíz discontinua”, no derivado *lej-it-os*, *-it-* é um infixo. No entanto, contrariamente a Pottier (1953), Pena considera que, relativamente à derivação apreciativa, *-it-* é um sufixo (ex. *libr-it-o*).

Para Scalise ([1984] 1986<sup>2</sup>), em *-izar*, o sufixo de infinitivo é um sufixo derivacional, criador de verbos a partir de bases denominais ou deadjetivais e Varela (1992) tem uma posição semelhante a esta, ao ter em conta que a vogal temática faz parte da estrutura lexemática do tema verbal, autores com os quais concordo.

Não me parece de todo plausível que a vogal temática possa ter características próprias dos morfemas derivacionais, os quais intervêm na formação de novas palavras. Do mesmo modo, também não encontro justificação para que se aponte *-iz-*, *-ec-*, etc. como infixos.

Depois deste preâmbulo, e antes de passar à análise propriamente dita de alguns aspetos da formação de verbos, terei em conta que, com base nos dados recolhidos em gramáticas históricas do português e em dois dicionários online, o *Dicionário Houaiss* e a *Infopédia*, os sufixos verbais do português são:

*-Açar* (*esvoaçar*)<sup>4</sup>; *-Alhar* (*emporcilhar*); *-Ar* / *-Ear* (*datar*, *folhear*); *-Ecer* (*entardecer*, *favorecer*); *-Ejar* (*gotear*); *-Icar* (*bebericar*); *-Ificar* (*bestificar*); *-Inhar* (*escrevinhar*); *-Iscar* / *-Uscar* (*mordiscar*; *chamuscar*); *-Issar* (*alunissar*); *-Itar* (*dormitar*); *-Izar* (*fertilizar*); *-Ntar* (*ensanguentar*); *-Ujar* (*mamujar*). Destes, irei tratar alguns de forma mais pormenorizada, esperando voltar em breve ao tema da derivação verbal.

## A formação de verbos em gramáticas históricas do português

Em quase todas as gramáticas históricas do português em que são estudados os sufixos verbais, temos os seguintes aspetos comuns:

- a aceção “inchoativa” dos verbos em *-ecer* (cf. Reinhardstoettner 1878: 148, Silva Jr. & Andrade<sup>5</sup> [1887] 1913<sup>4</sup>: 364, Pereira [1916] 1935<sup>9</sup>:

<sup>4</sup> Apesar de algumas dúvidas, incluí este sufixo, uma vez que no derivado *esvoaçar*, de acordo com os dicionários consultados de *es-* + *voar* + *-açar*, o sufixo verbal *-açar*, de origem latina, exprime a ideia de ‘acção repetida’.

<sup>5</sup> Para os autores “Muitos dos verbos derivados em SC, porém, perdem o sentido inchoativo: – *apetecer*, *guarnecer*, *enternecer*, *enfraquecer*, etc...” (Silva Jr. & Andrade [1887] 1913<sup>4</sup>: 364).

216, Mota [1916] 1937<sup>8</sup>: 74, Sequeira 1938: 102, Coutinho 1938: 62, Vasconcelos, C. [1946] s.d.: 83, valor que, segundo Câmara Jr. (1975: 229), já era transmitido pelo *-sc-* latino.

- verbos simples em *-ir* vieram a ser substituídos por verbos em *-ecer* ou passaram a coexistir com eles. De acordo com Vasconcelos, C. ([1946] s.d.: 83), “A par de *guarnir, guarir, florir, aborir*, havia e há *guarnecer, guarecer, florecer, aborrecer*. Raras vezes com divergência de significado como em *falir*, suspender pagamentos, faltar a compromissos, e *falecer*, faltar, escassear, morrer.” Nalguns casos, as formas em *-ecer* terão “suplantado no uso a maioria das primeiras” (cf. Nunes ([1919] 1989<sup>9</sup>: 384).
- os sufixos *-izar* / *-ejar* e *-ear* são as contrapartes “eruditas”/“portuguesas” do sufixo grego  $\iota\zeta\epsilon\upsilon\upsilon$ , que

“no latim popular do tempo do Império, tornara-se em *-□. diare* e daí, consoante as respectivas transformações (...), resultaram as duas formas, *-ejar* e *-ear*, das quais a primeira dá muitas vezes sentido frequentativo aos verbos em que entra; na língua culta, porém, aquele sufixo mudara para *-izare* e assim continua a subsistir, com troca apenas da vogal final, sendo frequentemente usado, com significação causativa, pelo português literário”

Nunes ([1919] 1989<sup>9</sup>: 388)<sup>6</sup>

- o sufixo *-izar* começa por ocorrer em termos eruditos (cf., por exemplo, Reinhardstoettner 1878: 149) e só a pouco e pouco vai formando outro tipo de verbos, aumentando a sua rentabilidade. Para Câmara Jr., *-izar*

“é empréstimo ao grego, especialmente no latim cristão. Não parece ter vindo diretamente para o português, em vista da sua raridade na fase arcaica e mesmo clássica da língua. Pelo menos, a sua produtividade no português moderno é de influxo francês. Está não raro associado a um adjetivo em *-ic(o)*, de que o verbo se deriva com a supressão do sufixo adjetival. Ex.: *civilizar (civil)*, *harmonizar (harmônico)*.”

Câmara Jr. (1975: 228)

o que comprovámos com a consulta às fontes primárias<sup>7</sup>. Contudo, a referência que é feita à produtividade do sufixo no português não é exata atualmente, ou seja, o “influxo francês” não é hoje determinante para o elevado número de verbos em *-izar*. Quando muito, poderíamos discutir o influxo inglês, mas isso será assunto para outro tipo de trabalho.

<sup>6</sup> O autor dá como exemplos: a) 1.º *forc-ejar, fest-ejar*, etc.; 2.º *ombr-ear, guerr-ear, fals-ear*, etc.; b) *martir-izar, fertil-izar*, etc.

<sup>7</sup> Textos consultados a partir do acesso ao Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM (cf. Xavier et al. 1995) disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/?mid=142>.

- do ponto de vista sintático-semântico, e de forma resumida, as descrições dos gramáticos históricos remetem-nos para o seguinte:

Silva Jr. & Andrade afirmam que os verbos

“em *ar* são activos com sentido causativo; os em *er* e *ir* significam *tornar-se, fazer* (*denegrir* é fazer negra qualquer coisa, *envelhecer* – tornar-se ou fazer-se velho) (...) Com os suffixos *icar, itar, iscar, inhar, migar*, etc.: – *bebericar, namoricar, dormirar, chupitar, escrevinhar* [os] verbos têm sentido diminutivo, frequentativo ou pejorativo.”

Silva Jr. & Andrade ([1887] 1913<sup>4</sup>: 362)

Segundo Pereira ([1916] 1935<sup>9</sup>: 216), *-ejar* é “suff. augmentativo” (exemplos: de *cabra cabrejar*, de *claro clarear*) e *-icar, -inhar, -itar* são “suff. diminutivos” (exemplos: *adocicar, bebericar, depennicar, namoricar, tremelicar, – choviscar, lambiscar, namoriscar, salvarinhar cuspinhar, escoucinhar, – saltitar, dormirar*.)

Para Ali ([1931] 1964<sup>3</sup>: 247), “*-ficar* (ou *-ificar*) é sufixo erudito, do latim *-ficare* (*-ificare*), tem as mais das vezes o sentido de “fazer”, “tornar em estado de”: *falsificar, danificar, retificar, clarificar*”, atribuindo aos verbos em *-ejar*, do tipo de *apedrejar, forcejar, gotejar*, etc., “significação frequentativa” e, notando ainda que “alguns nomes de cores derivam-se, por meio dêste sufixo”, como *verdejar, negrejar, branquejar, amarelejar*. Também com “sentido freqüentativo ou simplesmente durativo e também outros de significação menos precisa”, temos os verbos em *-ear* (*sapatear, golpear*, etc.).

Sequeira (1938: 101-102) diz-nos também que o sufixo *-ear* (*saborear, branquear*) “é evolução do freqüentativo *-ejar*. Na maioria dos casos perdeu êste significado iterativo, mas ainda o conserva em verbos como *vaguear, farpear, voltear, golpear, ondear*.” Para além dos “1) Verbos que exprimem idéias mui diversas, consoante os nomes a que o sufixo se apõe”, sendo que os sufixos em causa são *-ar* e *-ear*, este autor procede às seguintes subdivisões: “2) Verbos *freqüentativos ou iterativos*, procedentes de nomes e de outros verbos”, nomeadamente verbos em *-ejar; -açar; (espicaçar, esvoaçar); -inhar (escrevinhar); -itar (dormitar)*, sufixo que, para o autor, é “simultaneamente deminutivo, porque a acção que traduz, se é repetida, também é pouco intensa”; “3) Verbos de acção pouco intensa (*deminutivos*), derivados de outros verbos”: *-icar (namoricar, adocicar)*; “4) Verbos *causativos*, os quais exprimem que o sujeito força outrem a praticar a acção expressa pela raiz ou dão certa qualidade a um objecto”: *-entar (amolentar, amamentar); -izar (fertilizar, modernizar)*.

Coutinho (1938: 62) caracteriza os sufixos “*-ear, -ejar* <-idiare, -izar> *-izare*. Ambos são formas modificadas do grego *-ιζειν*. Encerram idéia freqüentativa os primeiros; causativa, o último” (*clarear, festejar, legalizar*); “*-egar, -gar, -icar* <-icare. Entre as idéias que exprimem, deve-se salientar a de diminuição” (*carregar, cavalgar, adocicar*); “*-itar* <-itare. Exprime acção

diminutiva, frequente” (*saltitar*); “-ntar <-nt+are. Encerra idéia causativa” (*adormentar, aformosentar*).

C. Vasconcelos afirma que o

“deminutivo -icar, de *adocicar, bebericar*, vem do deminutivo -icco, de origem desconhecida, como -inhar, de *escoicinhar*, do deminutivo -inho; e -ilhar de *dedilhar*, de -ilho. -Iscar denota pouca intensidade em *chuviscar, mordiscar, beliscar* e mais alguns provincialismos como *bebiscar, comiscar; -itar (...)* é deminutivo em *saltitar, dormirar*, e factitivo em *facilitar, debilitar*, etc.”

Vasconcelos, C. ([1946] s.d.: 84)

Para terminar a ronda das Gramáticas Históricas do Português, uma nota relativa à questão da ‘produtividade’:

Segundo Nunes ([1919] 1989<sup>9</sup>: 381-382), em latim, na formação de verbos, juntava-se “a qualquer palavra (nome ou verbo) alguma das quatro terminações infinitivas (exemplos: fraud-are, dit-are, mers-are, flor-ere, can-ere, claud-ere, fid-ere, vest-ire, fin-ire)” ressaltando que, embora abrangendo todas as conjugações, “esse processo tinha maior extensão na primeira. O romance persistiu nessa referência por forma tal, que não só pôs de parte a derivação em -ère, mas até alguns verbos que a tinham enfileirou (...) naquela conjugação”. Este aspecto é também realçado por Vasconcelos, C. ([1946] s.d.: 84), ao reconhecer que esta era “uma tendência já manifesta no latim vulgar, que substituía por exemplo, *fidere* por *fidare, fiar*, e *studere* por *studare, estudar*.”

Embora sem apresentar justificação, Nunes ([1919] 1989<sup>9</sup>: 382-383) aponta ainda que -ntar “havendo sido de emprego restrito na língua literária, tornou-se do gosto da popular, que o usava muitas vezes em sentido causativo, sendo que continua a ter na nossa; a sua vitalidade, porém, está hoje, senão de todo, quase extinta”. Como exemplos de verbos em -ntar, o autor fornece os seguintes, em que o “radical é já verbal, já nominal”: *quebra-ntar, a-mame-ntar*, etc.

Outro sufixo que, segundo Nunes ([1919] 1989<sup>9</sup>: 383), já se encontra extinto é “-egar ou -gar, que representa o sufixo latino -ICARE”, o qual apesar de ter tido “grande extensão na língua popular que o pospunha a temas nominais e também a participios do pretérito”, já só subsiste em formas herdadas, nas quais, “consoante as leis fonéticas, ora conserva, ora perde o -e inicial, como mostram as seguintes: *soos-egar, outor-gar*, etc. (...)”<sup>8</sup>. O último sufixo verbal estudado por Nunes ([1919] 1989<sup>9</sup>: 383) é -itar “Oriundo do -ITARE, isto é, de -ARE mais a vogal temática do simples e o já conhecido

<sup>8</sup> De acordo com o autor, “Não se deve confundir este sufixo com -igar, que já existia também em latim e se nota nos cultismos *castigar, litigar, mastigar, fatigar, fumigar, fustigar*, etc.” (Nunes [1919] 1989<sup>9</sup>: 383).

-TO era este um dos sufixos que em latim entravam na formação dos verbos literários, o que lhe corresponde em português vive apenas em vocábulos já cultos, com *salt-itar*, *dorm-itar*, *crep-itar*, etc.”

Vasconcelos, C. ([1946] s.d.: 83) considera que na formação de novos verbos, não há de modo algum a “riqueza” que, segundo a autora, caracteriza a derivação nominal.

“Dos quatro processos de derivação: a imediata, sem auxílio de afixos, a mediata por sufixação; a mediata por prefixação; e a composição – apenas a que se efectua por meio de *prefixos*, combinada muitas vezes com sufixação, é realmente produtiva e dá margem a algumas observações de pêsso.”

Vasconcelos, C. ([1946] s.d.: 83)

Para a autora, “-antar, -entar, causativo e factitivo, tirado do participio presente” é fecundo, ocorrendo frequentemente em verbos em que também intervém um prefixo (sobretudo os prefixos *a-* e *en-*), à semelhança do que já acontecia em latim vulgar (exemplos: *adoentar*, *afugentar*, *amolentar*, *endurentar*, etc.) (cf. Vasconcelos, C. [1946] s.d.: 84-85).

Vasconcelos, C. ([1946] s.d.: 85) conclui que os sufixos verbais “mais férteis de todos” são *-ear*, *-ejar*, *-izar*, atribuindo aos dois últimos a proveniência do “grego *-izein*” e afirmando que o primeiro “Talvez viesse a Portugal de Espanha”, uma vez que a sua etimologia é incerta, embora não tenha dúvidas quanto à sua rentabilidade, para o que poderá contribuir, na sua opinião, o facto de se soldar “tanto a verbos como a substantivos e adjectivos. Sem ter significado bem característico, deu e dá muitos verbos novos como: *barbear*, *bronzear*, *pratear*, *passar*, *ondear*, *saborear*, *sapatear*, *vozear*, *jornadear*, *branquear*, *baratear*, *bandare*.”

Resumindo alguns pontos focados pelos gramáticos históricos:

- os sufixos *-izar* e *-ejar* têm a mesma origem etimológica, mas isso não quer dizer que do ponto de vista semântico eles concorram, ou seja, não são sufixos rivais: *-izar*, para além de outros valores<sup>9</sup>, é principalmente causativo, enquanto os verbos em *-ejar* se caracterizam quase sempre por serem frequentativos/iterativos; apesar da sua entrada tardia na língua, o sufixo *-izar*, há muito que deixou de ocorrer exclusivamente em cultismos, sendo inúmeros os verbos formados em português, havendo também alguns verbos que foram tomados de empréstimo, sobretudo ao francês e ao inglês.
- nos verbos em *-ificar* continua presente o traço [+latino], o que, por constituir uma restrição, acaba por favorecer as formações verbais em *-izar*. Por sua vez, a forte rentabilidade de *-izar*, tal como tinha apontado anteriormente (cf. Caetano 2003: 468), conduz a um aumento de

<sup>9</sup> Sobre os diferentes valores de *-ize*, cf., por exemplo, Plag (2000).

rentabilidade de *-ção*, provocando, pelo contrário, um decréscimo acentuado das nominalizações em *-mento*<sup>10</sup>.

- alguns gramáticos apontam que há verbos em *-ecer/-escer* que perderam o valor incoativo, na medida em que deixaram de significar ‘mudança de estado’, passando a adquirir outras significações. Contudo, dos exemplos fornecidos que não são verbos parassintéticos (cf., por exemplo, *parecer*), verifica-se que estes últimos não foram formados em português, tendo sido herdados do latim. Deste modo, a mudança ter-se-á observado ainda no sistema latino, não podendo, assim, ser tida como caracterizadora do português<sup>11</sup>.

### Verbos formados de prefixo e sufixo

Na impossibilidade de tratar muitos outros aspetos, tentarei, ainda que de forma breve, analisar algumas questões relativas a formações verbais em que intervêm prefixos e sufixos.

Existem diferentes propostas no que diz respeito à formação deste tipo de verbos:

1. Vários autores e gramáticos, desde os mais antigos, apontam a parassíntese, junção simultânea de prefixo e sufixo a uma base, como um dos processos mais frequentes de formação de verbos (cf., entre outros, Ali [1931] 1964<sup>3</sup>, Câmara Jr. 1975 e Basílio 2004).

Em Villalva (2000: 952-953) assume-se que existem dois tipos de estruturas parassintéticas: uma em que intervêm um sufixo derivacional (por exemplo, *enfraquecer*) e outra em que ocorre uma vogal temática e um sufixo de flexão (por exemplo, *engordar*), o que leva a autora a considerar que, neste segundo tipo, a parassíntese se aproxima “da formação de verbos por conversão”.

Admitir, como nas propostas mais tradicionais, que o resultado da parassíntese é uma formação trimembre coloca problemas à teoria morfológica e, por isso, foram várias as tentativas para ultrapassar esta representação dos constituintes:

2. recorrer à adição não de dois afixos em simultâneo mas de um só que se manifesta como morfe descontínuo, o qual corresponde a um único significado já que, por exemplo em *en-velh-ecer*, os afixos descontínuos *en-* e *-ecer* não constituem individualmente o significado do verbo como tal. É a

<sup>10</sup> Outra causa para a perda de rentabilidade de *-mento*, também apontada no mesmo estudo (cf. Caetano 2003: 469), prende-se com “a pouca disponibilidade e rentabilidade dos verbos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações”.

<sup>11</sup> Esta não passa, contudo, de mera hipótese, na medida em que será necessário um estudo mais exaustivo para esclarecer esta questão.



solução proposta por Pottier (1962: 106), Booij (1977: 32) e Rio-Torto (1994), entre outros, para quem se trata de um processo de circunfixação.

3. para alguns autores generativistas, existe um primeiro processo de sufixação e posterior prefixação (cf., por exemplo, Scalise 1984: 147-150). Assim, em exemplos como *envelhecer*, primeiro operaria a sufixação, gerando uma palavra inexistente mas possível, e, posteriormente, operaria a prefixação.

Dentro deste tipo de verbos (prefixo + X + sufixo), as estruturas mais frequentes são:

*a-X-ar* (*a- + juiz + -ar*, *a- + long- + -ar*), *en-X-ar* (*en + cart- + -ar*, *en + curt- + -ar*) e *en-X-ecer* (*en- + velh- + -ecer*).

Com base numa consulta efectuada a partir do *CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval* e do *Corpus do Português* (cf. Davies & Ferreira 2006), verifiquei, tal como se pode confrontar abaixo, a ocorrência de um elemento *a*, em posição prefixal, mas que, aparentemente, nalguns contextos<sup>12</sup> não tem conteúdo semântico relevante:

## I. Prefixo+Base+Sufixo / Base não prefixada

1. ACOSTUMAR *a-+costume+-ar* / CUSTUMEAR e CUSTUMAR *costume + -ar/-ear*

Que faça mais devagar seu curso neste hemisfério, que o que sói **acostumar**; que esta noite hei de ordenar um caso de alto mistério. (*Obras*, Camões – séc. XVI)

lugares muyto nobres & ricos & bem cercados de muros & cauas com seus baluartes ao nosso modo, mas tudo de tijolo & de taipa sem auer cousa nenhuma de pedra & cal, por se não **custumar** naquellas partes (*Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto – séc. XVI)

2. AFORRAR *a-+forro+-ar* / FORRAR *forro+-ar*

Qvando alguu ome **forrar** seu seruo, se lhy põe alguu seruiço ou algũa cousa que lhy aya de fazer, se lhy o forro nõ fezer lhy aquello, o que lhy forrou possalhy demandar todo quanto lhy deu. (*Foro Real*, Afonso X – séc. XIII)

E assy quajsquer outros beens mouees E Rãjz que ao dito moesteiro E convento peertençam Em quajsquer lugares, Os quajs beens toda juntamente ou parte delles, possam **aforrar** Emprezar E aRendar por anos E tenpos que lhe aprougeer E os vendeer a quem qujgerrem E pollos precos quee mjlor poderrem E os ditos precos Reçeeber (Mosteiro de Santa Maria da Vitória – 1400)

<sup>12</sup> Limito-me a indicar alguns exemplos mais ilustrativos.

3. AFRONTAR *a-+fronte+-ar* / FRONTAR *fronte+-ar*

Mas, logo en começo de seu regnado, mandou tomar a Affonso Sanchez, seu irmão, toda a terra que avya ã Portugal. E elle lhe mãdou dizer e **afrontar** que lhe nõ tomasse sua terra, ca nõ avya razom por que. E el rey dom Affonso nõ curou dello nõ hũa cousa nem lha quis entregar. (*CGEsp* – séc. XIV)

E sse per uentuyra o ssenhor deitar o manço da casa sem mereçimeto. & o manço lho pode prouar. o ssenhor deue-lhe dar a ssoldada de todo o anno. En come se guarda este costume. Assy se guarda en todo saluo que o manço deue **frontar** ao amo perante homéés bóós. que quer seruir sa soldada & que lha leyxe seruir. & o amo èton diz que nõ quer. entõ lhe sera teudo a lhy dar a ssoldada. (*Dos Costumes de Santarém* – séc. XIV)

4. APENHORAR *a-+penhor+-ar* / PENHORAR

E o sobredito Infante nõ deue e lhes a uender. nõ dar. nõ emprazar nõ **apenhorar**. nõ alçar mays liuremête ficarem áá ordim depos ssa morte. ou se for Rey. ou entrar. en ordim. ou morer. cõ todos sseus meloramentos. e conpras. e gáanças e pobras. e benfeytorias que en esses herdamentos foren feytas. (*Documentos Portugueses da Chancelaria de D. Afonso III* – séc. XIII)

E demaj's que o dito Conueto per ssy ou per seu procurador os possam **penhorar** e costrenger por aquelo que ffcarõ por pagar hu quer que possam ser Achados e ã qualquer logar e lhjs tomẽ as ditas casas e a posse delas cõ toda sa benfeytoria sem coõmha nõhũa do senhor da terra e as de A quẽ por bem teuer e que se nõ possam chamar a força noua. (*Textos Notariais. Clíticos na História do Português* – séc. XIV)

Custume he quer que alguẽ faça prazo sobre ssy sobre algũa deuyda e for na uilla e pedir terçoer dia deue-o á áuer segundo o foro e se nõ for na uilla ou en seu termho deue-no a **penhorar**. (*Dos Costumes de Santarém* – séc. XIV)

5. APRESENTAR *a-+presente+-ar* / PRESENTAR

e os memposteiros que os ditos padres asy posoiem sejam obrigados a **presentar** a carta ou comisam que lhe deram pera pidir aos memposteiros das comarcas pera saberem quaes sam e lhe darem hum mandado seu nas costas pera lhe não porem embargo a pedirem aos quais maodamos que lhe dem e façam graciosamente sem lhe levar por iso dinheiro (Mosteiro de Guadalupe e Portugal – séc. XV)

## II. Prefixo+Base

6. AGUARDAR *a-+guardar* / GUARDAR

fazer treze cartas cõ aquesta tal una como a outra que per elas toda mia mãda seia conprida, das quaes ten una o arcebispo de Bragaa, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira o arcebispo de Toledo, a quarta o bispo do Porto, a quinta o de Lisbona, a sexta o de Coõbra, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a nona o maestre do Tẽplo, a decima o prior do Espital, a ûdeci-

ma o prior de Santa X, a duodecima o abade d'Alcobacia, a tercia decima faco eu **aguardar** em mia resposte. (*Testamento*, D. Afonso II – séc. XIII)

outorgo por mî. e por todos meus successores todas cousas sobredictas cõ todas ssas condições; a fazelas conprir e **aguardar**. (*Documentos Portugueses da Chancelaria de D. Afonso III* – séc. XIII)

E eu affonssso guilhellme por mî e pola dita mha molher. Louúo e outorgo todalas coussas sobredictas. e cada hûa delas. e prometo a téelas e **aguardalas** assj cõmo dito é. E a parte que as nõ teuer nõ **aguardar** peyte áá outra parte Duzentas. libras. de Portugaeses em nome de pëa e todauya ualerê os estrumentos. ffeito ffoy em Achellas. (*Textos Notariais. Clíticos na História do Português* – séc. XIII)

Titulo dos preytos que deuê a ualer ou nõ #VIII lex Todo ome que fezer preyto ant r e alguus homees e foy feyto dereytamente, quer seya scripto quer nõ, e pero que y nõ seya pea posta, firmemente seya **a guardo** e o alcaide fação **aguardar**. (*Foro Real*, Afonso X – 1280?)

som chamados todos aquelles que leixã as cousas do mûdo & tomã algũa rregla de rreligiõ pera seruir a deus prometendo de **a guardar** E estes tâes som chamados rreligiosos (*Terceyra Partida*, Afonso X – 1300?)

#### 7. AJUNTAR *a-+juntar* / JUNTAR *junto+-ar*

Aprendede agora, os cavalleyros e os homeens d'armas que cobiiçades **a juntar** muytos mãjares e a vyver ã muyto viço a todo vosso sabor, e sabede que poucas som as cousas que vos cõvêê a manteer vida ãnas hostes e nas guerras e como deve seer pouco o que a boa natura demanda em tal tempo (*CGEsp*, 1344)

E tanto foy crescendo este escandallo, que ouverõ dom Affonso Sanchez e seu irmão de **ajuntar** todos seus vassallos e amigos e ainda grande parte dos del rey per seu consentimêto e ãvyarõ todo este poder cõ Joham Affonso que fosse fazer mal e desonrra a seu irmão, o conde dõ Pedro. (*CGEsp*, 1344)

O conde avya muy gram voontade de se **juntar** cõ os mouros. (*CGEsp* de 1344)

#### 8. ALEVANTAR *a-+levantar* / LEVANTAR

Mas tam enfesto era o monte que muytos delles cahyam atras, assy que, segundo hyam armados, nõ se podyam **levãtar** se nom por que os sostiinham os que hyã empos elles, que os atendyam com os scudos e os faziam alevantar. (*CGEsp*, 1344)

As maneiras de derribar pera de tras, geer a lmente sam per tres guysas: Primeira, **alevantar** nos braços, e derribar a cada hûa das partes. (*Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela*, D. Duarte – séc. XV)

#### 9. AMOSTRAR *a-+mostrar* / MOSTRAR

costume é que todo omê que pelegar cõ outro e lhj ffezer feridas asinaadas negras ou chagas deue-as **a mostrar** aa justiça ã esse día que lhas fezer sse na uila forê feytas as feridas (*Dos Costumes de Santarém*, 1294)

E senhor a Moises teu servo soamente nom te quiseste **amostrar** enquanto se podese abrir o olho pois por que te omildas tanto e decendes ao homê publicano e pecador e nom tan soamente queres comer com ele mas ante mandas que ele te coma? (*Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* – séc. XIII)

10. APREGOAR *a-+pregoar*, lat. / PREGOAR

Pero d’Ambroa diz el que tu o fuisti **pregoar** que nunca foi na terra d’Ultramar; (*Cantigas de Escárnio e Maldizer* – séc. XIII)

mandou **a pregoar**, que em certo dia se ajuntassem todos (*Promptuario Historico II*, Frei Manoel da Mealhada – 1760)

11. ARROMPER *a- + romper* / ROMPER

cõ sas êtradas e ssajdas e sseus derejtos e pertêças e cõ ssas casas e curraaes e Almojnhas e ffigejras. e Arruores e matos e mõtes e ffontes e Apascoadejros Arroto e por **Arromper**. e cõ os baçellos. o qual casaL e bées partem cõ herdades do dito.Mosteiro. (*Textos Notariais. Clíticos na História do Português* – séc. XIII)

E o terco do linho e da outra terra que fose por **Romper** pagaram o quinto do pam e do linho e dos legumes decramdo logo o dito Foral quanta terra avia no quarto como no quinto (*Foraes* – séc. XV)

12. ASSEELAR *a- + selar* / SELAR

conuê muyto que aiã en ssy muy gram lealdade & que seiã muyto aguçosos ã guardar os seelos cõ que am de **selar** as cartas segûdo uso deste tẽpo. (*Terceyra Partida*, Afonso X, 1300?)

hi d estar hũ sseelo com que se **asselauam** os dictos panos E ora Senhor costringem todos os que asi fazem os dictos panos que os vao **asseelar** aa guarda que ssom dehi doze leguoas (*Cortes portuguesas* – 1498)

13. ASSEMEAR *a- + semear* / SEMEAR

o alquayde deue a mandar **assemear** pora sseara. en quada hũú. ano. (*Textos Notariais. Clíticos na História do Português* – séc. XIII)

se algũ ouuer vinharia & a teuer a tada cõ vinha & toda nõ recade & no que fficar pera achar **semear** trój’go nõ deue a dar do trój’go jugada poys que a da do vinho. (*Dos Costumes de Santarém*, 1294)

Como se sabe, qualquer afixo (prefixo, infixo, sufixo) é detentor de significado. Existem em português dois prefixos *a-*: um do latim *ad-* que significa ‘aproximação/semelhança’ (por exemplo, *abeirar*), outro do grego *α-*, que indica ‘privação e/ou negação’ (por exemplo, *apolítico*). Contudo, aquilo que verificamos nos exemplos anteriores é que, por vezes, *a-* parece estar esvaziado de conteúdo semântico<sup>13</sup>, o que se torna ainda mais evidente se confrontarmos esses casos com outras formas em que não ocorre *a-* e que são perfeitamente comutáveis, em nada alterando o significado.

<sup>13</sup> Os gramáticos tradicionais designam frequentemente este *a-* como protético.

Podemos pensar que, nalgumas estruturas parassintéticas, o prefixo *a-* (do latim), terá sofrido um enfraquecimento semântico<sup>14</sup> e, por isso, temos verbos não prefixados sinónimos<sup>15</sup>.

Na minha opinião, afigura-se mais apropriado considerar que o *a-* inicial é uma reminiscência da preposição que ocorria antes do verbo no infinitivo. Por reanálise, o *a* preposicional terá sido interpretado como prefixo. Contudo, se aceitarmos esta última hipótese e admitindo que na parassíntese há junção simultânea de prefixo e sufixo à base, não ocorrendo isoladamente na língua nem só a forma prefixada, nem só a forma sufixada, teremos de reformular alguns aspetos relativos a este processo, já que, nalguns casos, estaríamos em presença de falsos parassintéticos.

### Concluindo:

- *-ar* e *-izar* são sufixos derivacionais que permitem formar verbos (não parassintéticos) a partir de nomes (por exemplo, *alfabetar*, *alcooolizar*) e de adjetivos (por exemplo, *fertilizar*), isto é, o *-a-* antes do morfema de infinitivo não é um elemento flexional;
- em português, os verbos não parassintéticos formam-se através dos sufixos *-ar*, *-ear*, *-ificar*, *-izar*, a partir de nomes e adjetivos (exs.: *invejar*, *prantear*, *bestificar*, *penalizar*), podendo os verbos formados com estes sufixos serem posteriormente prefixados. Cada um destes sufixos confere à base uma significação própria, pelo que não estarão em concorrência (cf., por exemplo, *eletrificar* / *electrizar*<sup>16</sup>). Outrora, dispúnhamos ainda para a formação de verbos da primeira conjugação dos sufixos *-açar*, *-ejar*, *-icar*, *-inhar*, *-iscar* / *-uscar*, *-itar*, *-ntar*, *-ujar*;
- *-ecer* deixou, aparentemente, de ser rentável; apesar de poder ocorrer em verbos não parassintéticos, do tipo de *escurecer* e *favorecer*, o maior número de atestações verifica-se em verbos parassintéticos, como por exemplo *entardecer*, sendo que o prefixo com que coocorre é predominantemente *en-* (*em-*);
- nem todos os verbos em que ocorre *a-* em posição inicial, seguidos de base e de sufixo, poderão ser verbos parassintéticos, pelo que terão de

<sup>14</sup> Relativamente a algumas propostas que definem o prefixo *a-* como assemântico, cf. Monteiro (1987), Sandmann (1997) e Henriques (2007), apud. Valente et al. 2009.

<sup>15</sup> Como nota Villalva (2000: 954-955), este contraste é ainda visível em formas que pertencem a variedades não padrão do português (cf. *baixar/abaixar*, *mandar/amandar*, etc.).

<sup>16</sup> Cf. os seguintes exemplos retirados do CetemPúblico: 1. “Procurou eletrificar as povoações, fazer explorações locais de água, criar centros sociais em cada uma das 18 freguesias, infantários, bem como melhorar as estradas.” 2. Vai-se a ver e João Baião (vindo do teatro dito sério, com passagem pelas grandes noites de La Féria) consegue, como há muito não se via, electrizar a plateia do Teatro Maria Vitória.

ser sujeitos a uma análise mais detalhada, de que, por ora, não me pude ocupar com a exaustividade desejável.

Nesta incursão sobre a formação de verbos em português, aflorei alguns aspetos que me pareceram merecedores de atenção numa abordagem que inclua dados de sincronias anteriores e, embora reconheça que alguns carecem de aprofundamento, espero ter demonstrado a necessidade de se adotar uma perspetiva diacrónica no estudo do subsistema derivacional verbal do português.

### Referências bibliográficas

- Alcoba Rueda, Santiago (1993). Los parasintéticos: constituyentes y estructura léxica. In Soledad Varela (ed.) *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 360-379
- Ali, Manuel Said ([1931] 1964<sup>3</sup>). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos
- Basílio, Margarida (2004). *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto
- Caetano, Maria do Céu (2003). *A formação de palavras em gramáticas históricas do português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão
- Coelho, Carla (2003). *Formação de verbos em -ar em português*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Corbin, Danielle (1987). *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Niemeyer
- Coutinho, Ismael de Lima (1938). *Pontos de Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Cunha, Antônio Geraldo da ([1982] 1987<sup>2</sup>). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira
- Davies, Mark & Michael Ferreira (2006-). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001). Rio de Janeiro: Editora Objetiva
- Diez, Frédéric ([1836-1844] 1973). *Grammaire des Langues Romanes*. Paris: Librairie A. Franck, troisième édition refondue et augmentée, Tome I et II
- Horta, Brandt ([1930?] s.d.<sup>3</sup>). *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editores J. R. de Oliveira
- Huber, Joseph ([1933] 1986). *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Infopédia. Dicionário de Língua Portuguesa on-line (s.d.)*. Porto: Porto Editora

- Machado, José Pedro ([1952] 1977<sup>3</sup>). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte
- Malkiel, Yakov (1958). Los interfijos hispánicos. In D. Catalán (ed.) *Estructuralismo e Historia II, Miscelánea Homenaje a André Martinet*. Tenerife: Universidad de La Laguna, pp. 107-187
- Meyer-Lübke, Wilhelm ([1890-92] 1895). *Grammaire des langues romanes*, tome II – *Morphologie*. Paris: H. Welter Éditeur
- Mota, Othoniel ([1916] 1937<sup>8</sup>). *O meu idioma*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Nunes, José Joaquim ([1919] 1989<sup>9</sup>). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora
- Pena, Jesús (1990). La Derivacion en Español. Verbos derivados y sustantivos verbales. Anexo 16 de *Verba*
- Pena, Jesús (1991). La palabra: estructura y procesos morfológicos. *Verba* 18, pp. 69-128
- Pena, Jesús (1993). La formación de verbos en español: la sufijación verbal. In Soledad Varela (ed.) *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 217-281
- Pena, Jesús (1999). Partes de la morfología. Las unidades del análisis morfológico. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, vol. III, pp. 4305-4366
- Pereira, Eduardo Carlos ([1916] 1935<sup>9</sup>). *Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Pereira, Rui (2000). *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Pereira, Rui (2007). *Formação de Verbos em Português: Afixação Heterocategorial*. Muenchen: Lincom Europa (Studies in Romance Linguistics 56)
- Plag, Ingo (2000). On the mechanisms of morphological rivalry: A new look at competing verb-deriving affixes in English. In Bernhard Reitz & Sigrid Rieuwerts (eds.) *Anglistentag 1999 Mainz*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 63-76
- Portóles, José (1993). Sobre los interfijos en español. In Soledad Varela (ed.) *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, pp. 339-359
- Portóles, José (1999). La interfijación. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, vol. III, pp. 5041-5073
- Pottier, Bernard (1953). Los infijos modificadores en Portugués. Nota de Morfología General. In Bernard Pottier *Lingüística moderna y Filología Hispánica*. Madrid: Gredos, pp. 161-185
- Reinhardtstoettner, Carl von (1878). *Grammatik der Portugiesischen Sprache*. Strassburg: Karl J. Trübner

- Rio-Torto, Graça Maria (1993). *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra
- Rio-Torto, Graça Maria (1994). Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri/APL, pp. 351-362
- Rio-Torto, Graça (coord.) (2004). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina
- Scalise, Sergio ([1984] 1986<sup>2</sup>). *Generative morphology*. Dordrecht: Foris Publications
- Sequeira, Francisco Júlio Martins (1938). *Gramática de português*. Lisboa: Livraria Popular
- Serrano Dolader, David (1995). *Las formaciones parasintéticas en español*. Madrid: Arco Libros.
- Serrano Dolader, David (1999). La derivación verbal y la parasíntesis. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, vol. III, pp. 4683-4755.
- Silva Jr., Manuel Pacheco da & Lameira de Andrade ([1887] 1913<sup>4</sup>). *Grammatica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves
- Valente, A. C. M. M. et al. (2009). Enfoques sobre parassíntese em português: da tradição gramatical à linguística cognitiva. In *ReVEL*, vol. 7, n. 12 (disponível em [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br))
- Varela, Soledad (1992). *Fundamentos de morfología*. Madrid: Editorial Síntesis
- Vasconcellos, António Garcia Ribeiro de (1900). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Paris/Lisboa: Aillaud/Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de ([1946] s.d.). *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro
- Villalva, Alina (2000). Formação de palavras: afixação. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5<sup>a</sup> ed., cap. 23, pp. 939-967
- Xavier, Maria Francisca, Maria Teresa Brocardo & Maria da Graça Vicente (1995). CIPM – Um Corpus Informatizado do Português Medieval. *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri/APL, pp. 599-612